

O MORRO FEMININO É NEGRO: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL SOBRE VOZES NEGRAS EM FLORIANÓPOLIS-SC

THE FEMALE HILL IS BLACK: AN INTERSECTIONAL ANALYSIS ON BLACK VOICES IN FLORIANOPOLIS-SC

Cauane Gabriel Azevedo Maia 1

Resumo: O presente artigo é uma síntese de parte do capítulo três da dissertação de mestrado *A revolução vem do Pastinho: escrituras antropológicas sobre vozes negras em Florianópolis-SC*, que buscou apreender, através das vivências e experiências dos residentes do Pastinho, localizado próximo à cumeira do Morro da Caixa/Monte Serrat, em Florianópolis-SC, Brasil, o protagonismo da população negra e, sobretudo, das mulheres, pautando as formas de resistência diante das práticas discursivas que negam a presença e o protagonismo negro no contexto histórico do município, bem como dos estereótipos negativos relacionados ao fenótipo negro. O lugar é reconhecido pelos moradores como Quilombo Urbano, não somente pelo grande contingente negro, mas por sua trajetória diretamente relacionada a história dessa população. A presença das mulheres, em diversos âmbitos desse território, lhe confere também o predicado de Morro Feminino, exigindo uma análise interseccional de raça e gênero na pesquisa.

Palavras-chave: Negras em Florianópolis. Morro da Caixa/Monte Serrat. Racismo. Interseccionalidade.

Abstract: This article is a synthesis of part of chapter three of the master's dissertation *A revolução vem do Pastinho: escrituras antropológicas sobre vozes negras em Florianópolis-SC*, which sought to apprehend, through the experiences of Pastinho residents, located near the Morro da Caixa / Monte Serrat, in Florianópolis-SC, Brazil, the protagonism of the black population and, above all, of women, guiding the forms of resistance to discursive practices that deny the presence and black protagonism in the historical context of the municipality, as well as negative stereotypes related to the black phenotype. The place is recognized by residents as Quilombo Urbano, not only for the large black contingent, but for its trajectory directly related to the history of this population. The presence of women, in various areas of this territory, also gives it the Female Hill predicate, requiring an intersectional analysis of race and gender in the research.

Keywords: Black women in Florianópolis. Box Hill / Monte Serrat. Racism. Intersectionality.

Introdução

O presente artigo refere-se a um dos capítulos da dissertação de mestrado, defendida em dezembro de 2018, no Programas de Pós-graduação em Antropologia Social, pela Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada *“A revolução vem do Pastinho”: escrituras antropológicas sobre vozes negras em Florianópolis-SC.*

“A revolução vem do Pastinho” foi uma frase que ouvi durante a pesquisa de campo, enquanto conversava com Dona Uda Gonzaga, importante liderança do Morro da Caixa/Monte Serrat, uma das comunidades que compõem o Maciço do Morro da Cruz, localizado na área central de Florianópolis, em Santa Catarina.

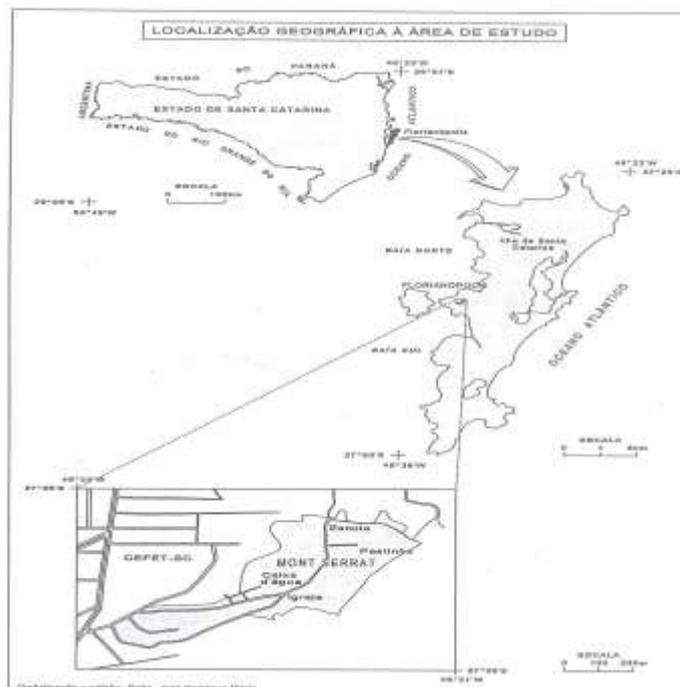
A frase se referia às diversas atividades que os moradores do Pastinho, localizado próximo à cumeeira do Morro da Caixa/Monte Serrat, vinham realizando, como: sarau poético, grupos de hip hop, aulas de dança e música afro para crianças e adolescentes, bazar para arrecadar recursos para viabilizar cafés coletivos em datas festivas, entre outras.

Tais atividades procuram subverter a lógica excludente, que nega às comunidades empobrecidas o acesso ao lazer e a atividades político-culturais de formação, uma vez que resgatam e positivam os elementos constituidores da identidade negra local. Trata-se de uma revolução que busca romper com as relações de dominação impostas pelo racismo e questiona as estruturas sociais, estabelecendo outras compreensões acerca da demografia de Florianópolis.

O local escolhido para a realização da pesquisa foi se desvelando à medida que o tema, bem como as teorias, amadurecia. Através das bibliografias sobre a presença negra em Florianópolis, o Morro da Caixa/Monte Serrat, sendo uma das comunidades mais antigas da cidade e com um dos maiores contingentes de descendentes de africanos em seu processo de ocupação, figura como um cenário propício para a debater o protagonismo negro na cidade:

A comunidade do Mont Serrat faz parte do Maciço do Central do Morro da Cruz, localizando-se na vertente oeste do mesmo. Voltada para o centro da cidade, tem como principais vias de acesso as ruas Nestor Passos e General Vieira da Rosa, próximas à avenida Mauro Ramos. O Mont Serrat situa-se perto da Escola Técnica Federal de Santa Catarina [hoje Instituto Federal de Santa Catarina] e faz fronteira com as comunidades Nova Descoberta, Quebra- Pote, Alto da Caieira e Major Costa. (ARAÚJO, 2004, p. 91).

Figura 1: Mapa da localização da Comunidade do Monte Serrat, Florianópolis-SC.



Fonte: Camilo Buss Araújo (2004).

Conhecida anteriormente como Morro da Caixa D'água, fazendo referência à caixa d'água instalada ali em 1909 para abastecer o centro de Florianópolis, a comunidade teve seu nome alterado para Monte Serrat com a chegada do padre Wilson Groh, na década de 1980, em homenagem a Nossa Senhora do Monte Serrat, padroeira do lugar (ARAÚJO, 2006).

Em sua pesquisa, Santos (2009) afirma que a imagem da santa católica Nossa Senhora do Monte Serrat chegou de navio a Florianópolis e foi, em procissão, até a capela¹ da comunidade, em 1927.

Percebi que, para alguns moradores, o lugar ainda é reconhecido como *Morro da Caixa*, rejeitando a alteração do nome da comunidade para *Monte Serrat*. Por costume, divergências religiosas, políticas ou motivações de outra ordem, os tensionamentos e negociações, característicos dos espaços de sociabilidade, se descortinavam nas concepções de pertencimento e reconhecimento do local.

Outro fator gerador de certa confusão, é a existência da comunidade do Morro da Caixa D'água, na região continental de Florianópolis, cuja ocupação iniciou-se na década de 1930. Seu nome também se refere à construção de um reservatório de água no alto do morro. Localizado na periferia do núcleo urbano, a comunidade é cortada ao meio pela Avenida Ivo Silveira (PIACENTINI, 1991).

Com o objetivo de evitar equívocos e abarcar diversas compreensões de pertencimento e reconhecimento do lugar, ao longo desta pesquisa utilizei o termo *Morro da Caixa/Monte Serrat* para me referir à comunidade que será o foco da pesquisa, na tentativa de mitigar as possíveis confusões, facilitar o entendimento e utilizar uma linguagem mais inclusiva.

O Morro da Caixa/Monte Serrat é uma das comunidades mais antigas e tradicionais de Florianópolis. Sua formação está ligada ao período da escravidão, ao higienismo proposto pelo projeto urbanístico da cidade na década de 1920 e ao desenvolvimento da construção civil no período de 1950 e 1960, configurando sua ocupação em três fases (SANTOS, 2009):

A primeira foi a lenta ocupação durante o século XIX, por escravos fugidos e libertos e soldados pobres que procuravam as imediações do caminho que atravessava o Morro como local de refúgio.[...] A segunda fase ocorreu a partir da década de 1920, decorrente das mudanças urbanas sanitárias que expulsaram os pobres da cidade. A terceira fase ocorreu durante as décadas de 1950 e 1960, com a imigração da população negra empobrecida de Biguaçu e Antônio Carlos que buscavam trabalho na construção civil. (SANTOS, 2009, p. 586).

A demografia da comunidade, ao longo da sua ocupação, é descrita como majoritariamente negra pelos pesquisadores (SANTOS, 2009; COPPETE, 2003; MACHADO, 1999; ARAÚJO, 2006), desde o período escravocrata, abrigando negros cativos e libertos; passando pelo projeto de urbanização em Florianópolis na década de 1920, que desalojou a população pobre e negra que vivia no centro da cidade; até a década de 1950 e 1960, quando o crescimento da construção civil atraiu trabalhadores de outras partes do Estado para a capital.

O Morro da Caixa/Monte Serrat tornou-se estratégico para as lavadeiras desalojadas do centro da cidade na década de 1920, por possuir córregos e fontes de água, como cita Santos (2009). Sua localização também facilitava o deslocamento, ao ligar o bairro da Trindade, passando pela Serrinha, até o Morro, permitindo chegar ao Mercado Público por esse trajeto para a venda de verduras (SANTOS, 2009).

Atualmente a comunidade é uma das referências na luta antirracista e na organização comunitária, através das ações coletivas dos moradores no pleito por melhorias das condições de vida, que foi se sedimentando ao longo da trajetória do lugar. Nesse sentido, Camilo Buss Araújo (2004) identifica três fases distintas no processo organizativo do Morro da Caixa/Monte Serrat:

A primeira delas seria a organização da comunidade através de movimentos coletivos, objetivando garantir melhorias

1 A capela foi construída em 1927, mesmo ano da chegada da imagem da santa católica Nossa Senhora do Monte Serrat (ARAÚJO, 2004).

estruturais para seus habitantes. Nessa fase, que permeia o Mont Serrat durante a década de 80, acontecerão os mutirões onde os oradores articular-se-ão para garantir condições adequadas de infraestrutura. A segunda, ocorrida entre os últimos anos da década de 80 e a primeira metade dos anos 90, teve como objetivo principal a melhoria de vida da comunidade através da geração de emprego e renda. Nesse momento, desenvolve-se uma padaria comunitária, uma fábrica de sabão, uma peixaria comunitária, com intuito de garantir a subsistência da comunidade associada com a possibilidade de trabalho. A terceira fase, embrionária no início dos anos 90 e que se estende até os dias de hoje, volta-se para a educação de crianças e jovens e para a formação desses visando o mercado de trabalho (ARAÚJO, 2004, p. 102).

O jornal *Hora de Santa Catarina*, em 20/11/2016, publicou o artigo O Morro do Monte Serrat e a consciência negra, de autoria da Caroline Stingham (2016), traçando a formação e a importância da comunidade no enfrentamento ao racismo e movimento negro catarinense através das histórias de personagens importantes da comunidade, como Dona Uda Gonzaga:

A história desta mulher se confunde com o crescimento da comunidade, que é considerada uma das mais importantes na luta do movimento negro da Capital. O Monte Serrat, o antigo Morro da Caixa - em referência a primeira caixa de água instalada na cidade -, é, segundo moradores, a comunidade mais populosa do Maciço do Morro da Cruz. O IBGE não catalogou o número de moradores exatos da comunidade, pois os habitantes foram somados dentro da estatística do bairro Centro. Mas acredita-se que são cerca de 4 a 5 mil pessoas (STINGHEN, 2016).

Para Coppete (2003), o Morro da Caixa/Monte Serrat é um “Morro Feminino”, não somente por conta da maioria numérica de mulheres (54%), de acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE², mas pela participação delas em importantes momentos da construção da comunidade, seja através da trajetória das lavadeiras, seja, atualmente, através da liderança dos coletivos comunitários:

Cabe aqui ressaltar que a presença da mulher na vida da comunidade do Mont Serrat é percebida ao longo da sua ocupação. Se nos primeiros momentos a sua visibilidade se expressava através de trabalhos realizados para complementar a vida familiar, em um segundo momento, a partir da década de 50, suas ações, além de terem esse objetivo, ganharam outra conotação. Dos anos 50 em diante, a presença feminina será visível também na vida eclesial e nas organizações coletivas dos moradores. (ARAÚJO, 2004, p. 91).

O protagonismo feminino é sempre enfatizado em todas as dimensões, sobretudo nas memórias dos moradores, desde os acontecimentos mais sutis. Como na de Seu Teco, ao lembrar a primeira vez em que um carro subiu as ladeiras íngremes do Morro da Caixa/Monte Serrat, na década de 1950: “O primeiro carro que subiu o Morro foi um táxi de Biguaçu, com uma mulher ao volante.” (SANTOS, 2009: 594)³.

² Dados disponibilizados no site da Prefeitura Municipal de Florianópolis, cuja fonte é o censo demográfico do IBGE de 2010, estimativa 2015. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/sistemas/saude/unidades_saude/populacao/uls_2015_index.php>. Acesso em: 30 maio 2018.

³ João Ferreira de Souza, o Seu Teco, nasceu em 1936, no Monte Serrat, onde vive até hoje. É aposentado e foi funcionário público dos Correios. Entrevistas concedidas a André Luiz Santos em 19 de abril e 11 de outubro de 2005. (SANTOS, 2009).

Os territórios negros, sobretudo em Florianópolis, surgem como estratégias utilizadas para lidarem com a invisibilidade, o racismo e as demais formas de segregação, criando espaços de resistência em diversos contextos (LEITE, 1996):

O território negro aparece, então, como o elemento de visibilidade a ser resgatado. Através dele, os negros, isolados pelo preconceito racial, procuram reconstruir uma tradição centrada no parentesco, na religião, na terra e nos valores morais cultivados ao longo de sua descendência.

A tradição negra tem sido, comprovadamente, o próprio enfrentamento, a resistência cotidiana, a luta pela recuperação da autoestima. Tanto nas áreas rurais como nas periféricas e urbanas, os negros consolidaram sua identidade social através da demarcação simbólica expressa por uma fronteira étnica que é que é construída ao longo de anos de resistência e em específicos e diversos contextos: na casa, na vila, no bairro, no clube, na rua, no bar. (LEITE, 1996, p. 50).

A fim de desenvolver melhor o conceito abordado no decorrer da pesquisa, vale elucidar a utilização do vocábulo *negro*, enquanto categoria analítica, que agrupa pretos e pardos, pela semelhança dos indicadores sociais encontrados nos levantamentos censitários oficiais, opondo-se significativamente aos autodeclarados brancos (CARNEIRO, 2005).

Para Sueli Carneiro (2005), é a partir da década de 1970 que se iniciam os estudos sobre desigualdades raciais, redefinindo os conceitos e pesos que categorias como raça e racismo possuem na estratificação social:

É nesse contexto que aparece o agrupamento de pretos e pardos na categoria negros, justificado pela similitude dos indicadores sociais encontrados para ambos nos levantamentos censitários oficiais e significativamente oposta aos dos autodeclarados brancos. É, pois, esse o entendimento que negro enquanto categoria analítica tem nesse trabalho que segue a maioria dos estudos contemporâneos sobre o tema (CARNEIRO, 2005, p. 28).

Para o Estatuto da Igualdade Racial (2012), a definição de *população negra* refere-se ao “conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme quesito cor ou raça usado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que denotam autodefinição análoga” (ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL, 2012). Na mesma publicação, a *desigualdade racial* é compreendida como “toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas públicas e privadas, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica”, e *desigualdade de gênero e raça* é a “assimetria existente no âmbito da sociedade que acentua a distância social entre mulheres negras e os demais segmentos sociais.” (ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL, 2012).

Morro Feminino, Morro Negro

*Meus orixás protegeram as raízes do
morro / Com lata d'água na cabeça
Na bica Dona Uda a buscar / Lições
ela se pôs a ensinar
Amor além da vida que não se apaga /
Saudoso Armandino Gonzaga
Maria entre tantas marias / Estrela
que irradia na fé
Quem você pensa que é sem a força da*

mulher?
(FREITAS; PASSOS, 2015)⁴

O recenseamento do Morro da Caixa/Monte Serrat, disponibilizado no site da Prefeitura Municipal de Florianópolis⁵, com base no censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta um total de 8.952 residentes. Desses, 4.796 são mulheres (54%) e 4.156 são homens (46%). De acordo com a mesma fonte, a estimativa populacional de 2015 projetou um total de 10.972 residentes para a comunidade, sendo 5.095 homens e 5.877 mulheres, ou seja, mais da metade da população é composta por mulheres, sendo a maior concentração na faixa etária entre 25 e 49 anos.

Definido como o “Morro Feminino” (COPPETE, 2003), não somente por sua expressão numérica majoritariamente feminina, mas pela atuação das mulheres na organização e constituição dos movimentos reivindicatórios da comunidade, o Morro da Caixa/Monte Serrat revela, em sua trajetória, importantes lideranças, ratificando a importância da presença delas, como ressaltou Dona Uda (2003):

a presença das mulheres no Mont Serrat ainda é uma referência. A força das mulheres aqui no morro é notória. Nós não sabemos a força que temos; ou sabemos e não queremos admitir isso. Você vê que, se for à missa, na igreja tem dez homens para sessenta mulheres. O padre sempre resalta isso. Olha aí a presença das mulheres! (COPPETE, 2003, p. 56)⁶.

Durante a década de 1980 e 1990 os moradores do Morro da Caixa/Monte Serrat produziram cadernos de memórias para recuperar as histórias e reminiscências da comunidade, dando origem à publicação *Comunidade Mont Serrat - Memórias* (SOUZA, 1992). Nele, as trajetórias dos personagens locais são resgatadas e, por meio das vivências, é possível revisitar momentos significativos da constituição do território.

Dona Catarina Barbosa é uma das lideranças locais citadas nas memórias como símbolo do protagonismo feminino local. É, também, homônima à figura católica que dá nome ao Estado onde viveu, Santa Catarina⁷. Nascida em 1931, moradora do Pastinho, teve nove filhos e casou-se com Juvenal Barbosa. Sustentou sua família com a lavagem de roupa, sendo uma das primeiras mulheres a chegar à cachoeira em que lavavam roupas, por volta das cinco da manhã. Ela não só lutou pela sua subsistência e da família, como também participou ativamente dos mutirões comunitários, carregando tijolos para a construção da igreja, fazendo feijoada para alimentar os trabalhadores e ajudando a construir as melhorias da comunidade (SOUZA, 1992). Sobre ela, o documento registra:

Sua história é a nossa herança. É a história de uma mulher que ensina a gente a viver com dignidade e que abre espaços para que a vida nasça todos os dias com esperança de ser melhor construída com as nossas mãos, nossa garra, nosso suor (SOUZA, 1992, Anexo C).

Mário Davi Barbosa (2010) considera a trajetória de Dona Catarina Barbosa um exemplo

4 Trecho do samba enredo: *Quem você pensa que é sem a força da mulher?*, da escola de samba Embaixada Copa Lord. A letra é composição de Alexandre Feijão, Neném do Banjo, Zinho Bom Astral e Leleco.

5 Dados disponibilizados no site da Prefeitura Municipal de Florianópolis, cuja fonte é o censo demográfico do IBGE de 2010, estimativa 2015. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/sistemas/saude/unidades_saude/populacao/uls_2015_index.php> Acesso em: 30 maio 2018:

6 Entrevista de Dona Uda Gonzaga a Maria Conceição Coppete, 2003.

7 Santa Catarina, de acordo com a descrição da linha editorial do Portal Catarinas, veículo de jornalismo com perspectiva de gênero, é o único Estado em território nacional a carregar o nome baseado na figura de uma mulher. Informações obtidas no site <<http://catarinas.info/somos-muitas/conselhoeditorial/>> Acesso em: 19 ago. 2018.

prático de resistência às adversidades. Para o autor, em sua abordagem sobre as lutas da comunidade do Morro da Caixa/Monte Serrat pelos direitos humanos, as mulheres negras possuem um papel significativo no pleito por melhores condições, mesmo em circunstância de escassez e vulnerabilidade:

Ela passou toda a sua vida resistindo, sem poder descansar para não perecer, uma mulher que apesar de não ter nenhuma instrução participou ativamente da “construção” da comunidade. Foi Dona Catarina que também ajudou na “construção” da noção do que seria a Capela Nossa Senhora do Mont Serrat, ela que se envolveu na horta comunitária, na padaria comunitária, nos mutirões. Ainda hoje ela é lembrada pelos moradores do Monte Serrat como pessoa indispensável para contar a história do Morro (BARBOSA, 2010, p. 13).

Dona Pricina também surge na publicação *Comunidade Mont Serrat - Memórias* (SOUZA, 1992). Nascida em 1905, morou no Pastinho e trabalhou como empregada doméstica e lavadeira. A sua linha do tempo revela o acesso tardio dos moradores aos direitos básicos: quando completou 65 anos morando na comunidade teve acesso a água encanada; sua casa própria foi construída através do mutirão com a ajuda dos vizinhos após 45 anos de residência no local; quando completou 78 anos de idade pode ver o calçamento da rua principal, General Vieira da Rosa.

Em *Janelas abertas: uma experiência de educação no Morro do Mont Serrat Florianópolis*, Maria Conceição Coppete (2003) traz a história do morro através das memórias dos moradores e ratifica a importância da presença das mulheres na constituição da comunidade: “Citar o Mont Serrat implica abordar mais uma vez o papel das mulheres. Desde as primeiras atividades que elas exerciam, até os dias de hoje, sua presença é uma referência” (COPPETE, 2003, p. 66).

Sobre as atividades exercidas pelas mulheres, a rotina das lavadeiras constitui um importante período na definição da identidade coletiva local. As fontes d’água distribuídas pela comunidade contribuíram para tornar as lavações um importante ofício para a subsistência da comunidade, como mostra Dona Bibina, nascida em 1929:

Vim para o Mont Serrat com 7 anos. Eu trabalhei para fora 28 anos. A minha mãe trabalhou até 94 anos e viveu até os 97 anos. Morreu faz pouco tempo. [...] Eu trabalhei muito com lavação. Eu lavei muito na minha vida. A minha mãe, nós, todas. O lugar de lavar era aqui no Encanamento [Servidão Célio Costa] que vai sair á no Saco dos Limões (COPPETE, 2003, p. 66)⁸.

As lavadeiras foram, em grande medida, fonte de sustento e complementação de renda das famílias do Morro da Caixa/Monte Serrat. Muitas vezes o trabalho das lavadeiras exigia que levassem seus filhos e filhas junto para as fontes e bicas d’água, seja para auxiliá-las nas diferentes funções, seja como alternativa para não deixá-los sozinhos em casa.

Araújo (2006), ao pesquisar a importância das lavadeiras no Morro da Caixa/Monte Serrat entre 1950 e 1960, considerou imbricados os espaços de moradia e trabalho, uma vez que as fontes, localizadas na comunidade, eram utilizadas para lavar roupas das famílias abastadas do centro da cidade. Os limites entre as atividades domésticas e a labuta das lavadeiras muitas vezes se confundiam, afirma o autor.

Gentil do Orocongo, morador do Pastinho e importante mestre da cultura popular de Florianópolis, ao discorrer sobre seu repertório para o pesquisador Daniel Cirimbelli da Luz (2006), consterna-se com as duras condições que as mulheres enfrentaram no passado recente na cidade, sobretudo as que residiam em comunidades vulneráveis:

Imagine que hoje em dia a mulher encontra, por mais que tenha abertura, a mulher encontra alguma dificuldade em ser uma dona de casa, né, imagine isso há 40 anos atrás era

8 Entrevista de dona Felisbina Costa (Dona Bibina) a Maria Conceição Coppete, 2003.

muito dificultoso haja visto que a dona de casa, vamos dizer dos bairros mais populares, ela só trabalhava em serviço doméstico, era lavadeira, né! Se não tivesse um estuozinho mais ou menos, não tinha curso, não tinha nada, era mesmo para lavagem de roupas ou então era cozinheira para ganhar um pouquinho mais se tivesse a competência para cozinhar, mas basicamente era lavagem de roupas nas comunidades. Hoje em dia tem estudos, né, sempre consegue um servicinho melhor (LUZ, 2006, p. 78)⁹.

Durante a pesquisa de campo, em conversa com Seu Marcinho, de aproximadamente 55 anos, morador do Pastinho, cujo sustento advém da venda de lanches como pizzas e calzones, conheci seu projeto de escrever um livro sobre sua vida, que começaria na fonte da comunidade:

Depois que o disk pizza estiver funcionando direitinho eu vou escrever um livro, chamado "A minha vida". Mas vai começar tudo da fonte, quando eu comecei a lavar roupa com a minha mãe, enfrentávamos cobra, macacos. Fomos indo, fomos indo. Caieira não existia, era tudo mato. Atravessava o mato para ir lá pra trindade, quebrar chão de garagem com 17 anos. Trazia lenha nas costas pro fogãozinho, para na volta ela já cozinhar pra gente no final da tarde. (Entrevista)¹⁰.

Além das memórias sobre a fonte, numa época em que a comunidade da Caieira não existia e que a região onde hoje se localiza a igreja católica era apenas uma grande roça, sendo possível colher mandioca com Seu Didinho, Seu Marcinho também se recordou de alguns detalhes sobre o processo de lavagem, como o uso de ervas para clarear as roupas, uma alternativa para baratear o custo da atividade sem perder a qualidade do serviço.

Nesse período as mulheres, além de cuidar da casa e dos filhos, também precisavam dar conta das trouxas de roupas, que lhes garantiam certo rendimento, em muitos casos com o auxílio das crianças: "A maioria das crianças do Morro da Caixa passou a infância ajudando suas mães, tias e primas mais velhas a carregar trouxas de roupa." (ARAÚJO, 2006, p. 130).

As fontes eram o território em que as crianças e mulheres, em sua maioria negras, se encontravam, quando ainda não havia água encanada e saneamento, momento em que músicas eram cantadas para alegrar o trabalho exaustivo e enganar a fome e o cansaço:

Nós íamos às 7 horas da manhã e voltávamos às cinco ou seis horas da tarde. Já vinha com a roupa sequinha, dobradinha. Muitas vezes ficava lá o dia inteiro sem comida. Então a gente cantava, assobiava pra esquecer da fome. Conversava, quando tinha um pouquinho de comida, repartia. Um comia do outro. Se ajudava, era pirão d'água, um pedacinho de linguiça desse tamanho [gesto representando uns 3 cm]. Tinha um pouco mais quando era sardinha assada. Eu não posso nem ver sardinha [risos]. (COPPETE, 2003, p. 68)¹¹.

As mulheres negras, com o objetivo de reforçar a renda familiar, buscavam casas em que seus serviços eram requisitados através do auxílio de outras lavadeiras que na fonte passavam as informações umas para as outras.

O trabalho sistemático das lavadeiras era uma prática muito diferenciada daquela exercida pelas mulheres da elite desterrense. As atribuições de lavar, quarar, dobrar, passar eram relacionadas às mulheres, sobretudo as negras, que executavam tais tarefas nas roupas das mulheres brancas, como citou Coppete (2003).

A ideia de um morro feminino é reforçada pelas trajetórias das lavadeiras que com suas

9 Entrevista de Gentil Camilo do Nascimento Filho, conhecido como Gentil do Orocongo, a Daniel Cirimbelli da Luz em 2005.

10 Entrevista de Marcinho concedida a Cauane Maia em 07/04/2018.

11 Entrevista da dona Felisbina Costa (Dona Bibina) a Maria Conceição Coppete, 2003.

trouxas de roupas percorriam os caminhos do Morro rumo às fontes d'água, depois às casas no centro da cidade e retornavam, morro acima, às suas casas, criando um percurso de idas e vindas que cada vez mais incluía meninas/mulheres no jogo da sobrevivência, em que a prioridade era comer, como conta Dona Bibina: "E lavava, não era pra vestir, era pra comer. Ganhava 5 mil réis. Eu nem era moça e já lavava roupa para fora." (COPPETE, 2003, p. 70).

Havia também uma organização das fontes d'água. Cada mulher era responsável por uma delas. Essa sistematização do território das lavadeiras assegurava a limpeza e, em certa medida, estabelecia as regras do convívio e do trabalho, auxiliando na ordem e responsabilização pelos espaços.

No relato de Estela Cardoso, 46 anos de idade, mãe de dois filhos, professora, formada em pedagogia, integrante da União de Negras e Negros pela Igualdade (UNEGRO), cuja família é oriunda do Pastinho, podemos entender um pouco mais:

Minha avó, dona Maria Cardoso, era benzedeira e lavadeira. Ela se colocava como dona da maior fonte no Morro da Caixa, conhecido nos dias atuais. Existiam a fonte do Pastinho, onde hoje se encontra creche; a fonte da Dona Nizinha, pequena, logo [depois] vinha a de minha avó. Muitos banhos tomei e muitas histórias [ouvi] das mulheres negras e guerreiras. E quando as comadres brigavam, no outro dia não podiam usar a fonte. E logo em baixo era fonte das senhoras das escadarias. Muitas já se foram, mais os filhos e netos permanecem: os Cardoso, os Veloso e os Barbosa se tem a história (Entrevista)¹².

Essas funções, bem como as tarefas da lavagem, eram passadas das mais experientes às recém-chegadas, normalmente mais jovens, muitas vezes ainda meninas. Dessa maneira, a estrutura organizacional nas fontes também fala sobre a organização coletiva das lavadeiras, permitindo identificar as mulheres responsáveis pelos pontos de lavagem, como conta Dona Uda:

Havia mais de dez fontes. Tudo com as suas pedras. A primeira fonte era da minha sogra, a dona Luzia. Quando combinava de lavar era assim: Hoje nós vamos limpar a fonte, a da frente abria tudo e as outras vinham limpando a sua. Era uma festa. As crianças, as moças A nascente vinha do Morro. Era tudo mato, mato, mato e a água vinha limpinha. Era fonte natural e tinha muito cágado! (COPPETE, 2003, p. 72-73)¹³.

As fontes, enquanto espaços de sociabilidade compostos por pessoas diversas, estreitavam os laços de solidariedade, seja compartilhando a escassa refeição, seja trocando informações sobre o labor, assim como propiciavam os tensionamentos e conflitos entre as lavadeiras. As principais divergências ocorriam por conta da manutenção do local ou pela posse de uma determinada área, como lembrou Carlos Agostinho Cardoso (ARAÚJO, 2006):

As confusões se davam muito por causa disso, pela limpeza das próprias fontes e pelo descarregar da água de quem chegava primeiro. Também tinha quando uma chegava na fonte e a outra diz que a fonte era dela porque tinha sido ela que abriu, mas a outra tinha chegado primeiro. (ARAÚJO, 2006, p. 131)¹⁴.

Por muitos anos as lavadeiras foram uma importante fonte de renda para subsistência ou complementação financeira das famílias do Morro da Caixa/Monte Serrat. Desde o período escravocrata as funções braçais e de jornadas exaustivas de trabalho são atribuídas à população negra. Dentre tais funções, as lavadeiras figuravam como uma herança, um legado em onde, no pós-abolição, sua atividade assume caráter servil e mal remunerada. Sobre o trabalho escravo na

12 Informação concedida por Estela Cardoso a Cauane Maia através das redes sociais em 28/05/2018.

13 Entrevista de dona Uda Gonzaga a Maria Conceição Coppete, 2003.

14 Entrevista de Carlos Agostinho Cardoso a Camilo Buss Araújo em 14 de setembro de 2005 (ARAÚJO, 2006).

antiga Desterro, a autor Clemente Gentil Penna descreve:

Além do trabalho doméstico existia também uma série de trabalhadores realizando diversas atividades pelas ruas das cidades, fato que fica perceptível pelos dados do censo. Os homens se encontravam exercendo atividades ligadas ao porto, carregando mercadorias, levantando edificações e no comércio ambulante. As mulheres, além de criadas domésticas, trabalhavam como lavadeiras, quitandeiras, amas de leite e costureiras. Não convém ficarmos elencando aqui todo tipo de atividades exercidas pelos cativos, sabemos a essa altura que a utilização desta mão de obra não encontrou barreiras, e que os escravos estavam inseridos virtualmente em todas as atividades braçais que existiram (PENNA, 2005).

A alocação da população negra em funções domésticas ocorre como uma herança da escravidão, uma vez que a área de maior absorção de mão de obra escravizada em Desterro foi essa, sendo também a que mais integrou o negro no pós-abolição, de acordo com Cardoso (2000:121). Isso quer dizer que a população negra em Florianópolis encontra oportunidades de trabalho em ocupações desenvolvidas na situação de escravização - serviços domésticos e braçais - confirmando que sua posição do mesmo na estrutura da ocupação profissional da cidade é bastante similar ao passado, como aponta Fernando Henrique Cardoso (2000, p. 157).

O relatório *Estudo dos Indicadores Socioeconômicos da População Negra da Grande Florianópolis* (2012) aponta que em 2010 os trabalhadores negros, dentro do mercado formal, se concentraram nas seguintes situações: 48,85% empregado com carteira de trabalho assinada; 16,73% funcionário público estatutário; 14,81% trabalho doméstico sem carteira assinada e 4,23% com carteira assinada: “Os negros estão mais presentes em cargos menos qualificados como operários de indústria, construção civil, serviços administrativos e comércio” (CERES, 2012).

A taxa de desemprego da Região Metropolitana de Florianópolis estava próxima de 10% para os negros e 4% para não negro em 2010. O mercado informal atingiu 15% dos homens negros, 20% das mulheres negras, 7% dos homens não negros e 16% das mulheres não negras no mesmo período (CERES, 2012).

Sobre a inserção da população negra no mercado de trabalho no pós-abolição, Angela Davis (2016) considera que a permanência das mulheres negras ocupando os serviços domésticos e posições de baixo prestígio é reflexo do legado da escravidão. Em relação ao trabalho, à força e a exigência violenta da produtividade do sistema escravista, as ameaças e castigos eram mais relevantes que o sexo dos cativos, ou seja, a opressão das mulheres e homens cativos eram idêntica (DAVIS, 2016).

Davis (2016) considera que o sistema escravista, ao definir a população negra como propriedade, viu a mulher negra como unidade lucrativa de trabalho desprovida de gênero: “A julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias.” (DAVIS, 2016, p. 18).

A autora pondera ainda que, além de serem submetidas às mesmas condições que os homens negros na dinâmica do trabalho escravo, as mulheres negras eram também submetidas a abusos sexuais. Os estupros eram arma de dominação, com o objetivo de desencorajá-las a resistir à subjugação e desmoralizar seus companheiros (DAVIS, 2016):

Assim como as mulheres negras dificilmente eram “mulheres” no sentido corrente do termo, o sistema escravista desencorajava a supremacia masculina dos homens negros. Uma vez que maridos e esposas, pais e filhas eram igualmente submetidos à autoridade absoluta dos feitores, o fortalecimento da supremacia masculina entre a população escrava poderia levar a uma perigosa ruptura na cadeia de comando. Além disso, uma vez que as mulheres negras, enquanto trabalhadoras, não podiam ser tratadas como

o “sexo frágil” ou “donas de casa”, os homens negros não podiam aspirar à função de “chefe de família”, muito menos à de “provedores da família”. (DAVIS, 2016, p. 20).

A resistência da mulher negra se elabora no contexto de uma trajetória marcada pela negação da sua humanidade e, por conseguinte, com outra compreensão sobre sua condição enquanto mulher:

Foram essas mulheres que transmitiram para suas descendentes do sexo feminino, nominalmente livres, um legado de trabalho duro, perseverança e autossuficiência, um legado de tenacidade, resistência e insistência na igualdade sexual - em resumo, um legado que explicita os parâmetros para uma nova condição de mulher (DAVIS, 2016, p. 41).

No bojo das práticas discursivas acerca dos papéis do “homem” e da “mulher”, a criação dos padrões heteronormativos e misóginos, racialmente marcados dentro da lógica patriarcal, contribuiu para a naturalização da exploração mulher negra e a incapacidade social de sensibilizar-se diante da sua condição vulnerável. Deivison Faustino Nkosi (2014) reflete sobre a condição de *subfeminização* das mulheres das classes dominadas.

Para Nkosi (2014), uma vez que as classes dominantes, enquanto administradores onipotentes, estão associadas aos atributos conferidos à mente, como fragilidade, fraqueza, covardia, etc., a efeminização das pessoas que compõem esse grupo, alienadas aos corpos, convertem suas mulheres em *ultrafemininas* em relação aos seus pares.

Já as classes dominadas, enquanto criadagem e executores dos serviços braçais e domésticos, são associadas aos atributos conferidos ao corpo, como força, virilidade e vigor. Nesse sentido, as mulheres são *subfemininas* ou masculinizadas, ao passo que os homens são *supermasculinizados* (NKOSI, 2014):

Esta postura da ultrafeminização da mulher das classes dominantes só é possível porque, na sociedade de classes, ela pode transferir “suas” tarefas braçais (ligadas às funções domésticas na sociedade patriarcal) às mulheres das classes subalternizadas. Neste processo, a mulher da elite absorve usurpadoramente a feminilidade das mulheres das classes subalternizadas, que por sua vez passam a ter a sua feminilidade proporcionalmente diminuída. Assim, a mulher da elite torna-se ultrafeminina enquanto a mulher abaixo dela - brutalizada pelo trabalho braçal do espaço doméstico -, subfeminina (ou masculinizada). (NKOSI, 2014, p. 79-80).

As exigências e responsabilidades delegadas às mulheres negras ao longo das gerações evidenciam emoções ambíguas entre a constatação das condições duras de sobrevivência imputadas a elas e suas ancestrais, o orgulho pela superação e pelas conquistas, ainda que pequenas à primeira vista, e, ao mesmo tempo, o compromisso de superar as condições de vulnerabilidade honrando tal legado. O encontro das contradições é acentuado na contemporaneidade, quando, munidas da sua memória ancestral, passada muitas vezes através da oralidade, e conhecendo as lutas travadas pelas mulheres negras que lhes antecederam, as novas gerações assumem fardos ainda mais pesados e injustos, acumulados ao longo da sua genealogia, como mostra Neide:

Ah, eu trabalhei bastante! Eu trabalhei lavando roupa pra fora. Subia esse morro, barriga grávida, subia esse morro duas vezes com uma trouxa na cabeça e a outra debaixo do braço, com a barriga, que os outros diziam assim: “Ai, meu Deus, como é que ela leva essa roupa com essa barriga dessa maneira?!” Eu só arriava a roupa quando estava perto de ganhar ainda arrumava uma pessoa pra ficar lavando aquele mês até terminar o resguardo. [...] A minha mãe então! Até hoje ainda olho pra minha mãe [...] Um dia, vendo ela subir

umas três viagens com roupa. Ela se levantava cinco e meia da manhã, acendia o fogo, botava a chaleira no fogo e ia pra fonte (a gente lavava em fonte, né?). [...] Aí eu olho pra ela - a minha mãe tinha pra mais de 15 lavações. E, às vezes, eu olho assim pra ela e fico pensando ajoelhada na pedra, ficava horas ajoelhada na pedra. Ela ia de manhã, só saía ao meio-dia, pra chegar em casa e fazer comida. Eu me lembro tão bem, eu era pequeninha [...] Era roupa das casas dos ricos da cidade. (MACHADO, 1999, p. 104).

Além das lavadeiras, as mulheres do Morro da Caixa/Monte Serrat também atuaram, e ainda atuam, em funções diversas para assegurar a subsistência familiar, ingressando precocemente no mercado de trabalho, muitas vezes informal, ou seja, sem carteira assinada nem acesso aos benefícios mínimos garantidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Sobre a década de 1970, Marlene Veloso, de 56 anos, moradora da comunidade, afirma que: “Aqui só se trabalhava de empregada, cozinheira, lavadeira, faxineira. Esses eram os serviços.” (ANJOS, 2016).

Esse é o caso da Dona Daura, nascida em 1929, moradora da comunidade desde os doze anos de idade, que entregava marmitas para auxiliar nas despesas da família. O pouco que recebia era direcionado para pagar a casa em que morava a família: “Eu carregava três marmitinhas do quartel da polícia até a Júlio Moura. Naquele tempo, eu recebia duzentos contos de réis para fazer isso. [...] A minha mãe dava em mim se eu não fizesse o trabalho, porque ela queria o dinheiro para pagar a casa.” (COPPETE, 2003, p. 73). O passado de penúria, descrito por ela, sintetiza a realidade de muitas famílias negras de Florianópolis, como se pode perceber no trecho abaixo:

Era eu e mais cinco. A minha mãe botava no fogo uns cinco baguinhos de feijão. Ali ficava tudo roxo. Nem era feijão, nem era água pura. Depois ela fazia um pirão naquela panelona assim grande (gesto dos braços em círculo representando o tamanho da panela). Então ela enfiava uma colher em cada lugar naquele pirão roxo e a gente ficava sentada e cada uma tinha a sua parte para comer. Se uma descuidava, a outra comia. [...] A casa? Aquilo era uma casa? Nós dormíamos os seis irmãos numa cama só. Mas não tinha maldade. A minha mãe não podia botar uma cama pra cada filho. A louça era de barro. O fogão era de quatro paus, uma chapinha em cima e uma chaminé. Ia buscar lenha lá na Serrinha. Ia cantando e trazia lenha verde. (COPPETE, 2003, p.74-75)¹⁵.

Conclusão

Diante da abordagem interseccional entre raça, gênero e classe, as mulheres negras de Florianópolis oferecem outra concepção sobre a “imagem da mulher” local. Problematicar seu apagamento e os processos de regulação da sua existência, sobretudo no período escravocrata, bem como a vulnerabilidade atual enquanto legado da escravidão, oferece pistas para apreender sobre o protagonismo delas.

A condição de mulheres vocais, muitas vezes negligenciada, e a relação quase metafórica entre a Escrava Anastácia e as moradoras do Morro da Caixa/Monte Serrat colocam na ordem do dia o reconhecimento positivado da descendência africana e a recuperação da relação com o passado fragmentado na destituição dos sistemas de referência promovido pelo período escravista e o racismo contemporâneo.

Assim, a demografia local revela que a comunidade possui o maior número de autodeclarados pretos e o terceiro menor índice de autodeclarados brancos da cidade de Florianópolis. O Morro da Caixa/Monte Serrat se constitui, não somente nas pesquisas censitárias, mas na concepção dos seus moradores, como um território majoritariamente negro.

A presença e o protagonismo das mulheres na composição da comunidade garantem a

15 Entrevista de Dona Daura a Maria Conceição Coppete, 2003.

algunha de “Morro Feminino” (COPPETE, 2003), não somente pela maioria numérica, mas pelo reconhecimento da sua importância na organização coletiva e pleno enfrentamento das dificuldades recorrentes.

Então, é como “Morro Negro e Feminino” que o Morro da Caixa/Monte Serrat se constitui, enquanto proeminente força comunitária com grande capacidade organizativa, cujas lideranças vão se alternando no sentido de se desvencilhar de qualquer relação tuteladora: seja dos políticos, das elites, das igrejas ou, seja até mesmo, de alguém que se sinta autorizado a falar por eles sem o devido consentimento.

Referências

ANJOS, O. Priscila. **Próxima parada: Monte Serrat - o itinerário da recente história do Transporte Coletivo na comunidade mais populosa do Maciço do Morro da Cruz**. Relatório Técnico do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo. Florianópolis, UFSC, 2016.

ARAÚJO, B. Camilo. **A sociedade sem exclusão do Padre Vilson Groh - a construção dos movimentos sociais na comunidade do Mont Serrat**. Florianópolis: Insular, 2004.

_____. **Os pobres em disputa: urbanização, política e classes populares no Morro da Caixa d'água, Florianópolis - anos 1950 e 1960**. Dissertação de História. Florianópolis, UFSC, 2006.

BARBOSA, D. Mário. **Comunidade, Identidade e Exclusão: uma abordagem da luta dos moradores da Comunidade Monte Serrat pelos direitos humanos**. CESUSC. Florianópolis. 2010.

BRASIL. Lei n. 12.288/10. **Estatuto da Igualdade Racial**. Secretaria de Política de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). Brasília, 2012.

_____. **Estudo dos Indicadores Socioeconômicos da População Negra da Grande Florianópolis**. Edital de Pregão Eletrônico n.º 401/SMAP/DLC/2011. CERES Inteligência Financeira. 2012. 184.

CARDOSO, Fernando H. **Negros em Florianópolis: relações sociais e econômicas**. Florianópolis: Insular, 2000.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de doutorado. Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2005.

COPPETE, C. Maria. **Janelas abertas: uma experiência de educação no Morro Mont Serrat**. Florianópolis. 2003.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREITAS, C. Priscila; PASSOS, C. Joana. **“Quem você pensa que é sem a força da mulher?”: Dona Uda entre a educação e o samba**. 6o Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação. Anais Eletrônicos. Bianual, 2015. Disponível em: <[http://www.sbece.com.br/2015/resources/anais/3/1429915754_ARQUIVO_quemvocepensaquee semaforcadamulher\(2\).pdf](http://www.sbece.com.br/2015/resources/anais/3/1429915754_ARQUIVO_quemvocepensaquee semaforcadamulher(2).pdf)>. Acesso em: 24 jan. 2017.

LEITE, Ilka Boaventura; OLIVEN, Ruben George. **Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

LUZ, C. Daniel. **Gentil do Orocongo: histórias e cantigas de Santa Catarina**. Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Educação Artística habilitação em Música. Florianópolis: UDESC, 2006:

MACHADO, A. M. M. **Palavra feminina na periferia da Igreja: a participação das mulheres na organização da Comunidade “Mont Serrat”, Morro da Caixa d'Água, em Florianópolis/SC**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Paulo: PUC-SP. 1999.

NKOSI, F. Deivison. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidade e racismo. In: BLAY, Eva Alterman (org.). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

PENNA, G. Clemente. **Escravidão, liberdade e os arranjos de trabalho na Ilha de Santa Catarina nas últimas décadas de escravidão (1850-1888)**. Dissertação do curso de mestrado em História. UFSC. Florianópolis: UFSC, 2005.

PIACENTINI, A. Telma. **O Morro da Caixa D'Água: o significado político-pedagógico dos movimentos de educação popular na periferia de Florianópolis**. Florianópolis: EdUFSC, 1991.

SANTOS, L. André. No Morro dos Avós: o Morro da Caixa (Monte Serrat). In: **Do Mar ao Morro: A Geografia Histórica da Pobreza Urbana em Florianópolis**. Tese de Geografia. UFSC. 2009.

SOUZA, C. Eronildo. **Estudo da Estrutura Interna e das Relações Sócio- Espaciais da Comunidade do "Mont Serrat" - Florianópolis-SC**. Monografia do curso de Geografia. Florianópolis: UFSC, 1992.

STINGHEN, Caroline. Especial: o Monte Serrat e a consciência negra. **Jornal Hora de Santa Catarina**. 20 nov. 2016. Disponível em: <<http://horadesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2016/11/especial-o-monte-serrat-ea-consciencia-negra-8374552.html>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

Recebido em 15 de outubro de 2019.
Aceito em 1º de novembro de 2019.